

Orquestra Gulbenkian

**Marc Albrecht
Varoujan Bartikian
Lu Zheng**



15 + 16 fev 24

15 fev 24 QUINTA 20:00

16 fev 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Marc Albrecht Maestro

Varoujan Bartikian Violoncelo

Lu Zheng Viola

Richard Strauss

Don Quixote, op. 35

c. 40 min.

1. *Introdução*
2. *Tema com variações*
3. *Final*

INTERVALO

Richard Strauss

Sinfonia Domestica, op. 53

c. 45 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min

INTERVALO DE 20 MIN.

Richard Strauss

(Munique, 1864 – Garmisch-Partenkirchen, 1949)

Don Quixote, op. 35

COMPOSIÇÃO 1896-1897

ESTREIA Colónia, 8 de março de 1898

DURAÇÃO c. 40 min.

Richard Strauss nasceu em 1864, em Munique, no seio de uma família abastada. A sua mãe era descendente de uma família rica de cervejeiros e o seu pai, Franz Strauss, um virtuoso trompista da Orquestra da Corte de Munique e de quem Richard viria a receber uma sólida formação musical.

O poema sinfónico e a ópera são os dois vértices em que se apoia praticamente a totalidade da produção de Strauss e demonstram a importância, para este compositor, em basear-se num libreto, numa narrativa poética ou romaneada para dar forma à sua inspiração. Por esse motivo, encontramos na obra straussiana poucas composições “abstratas”, mas sim peças nas quais há implícita uma mensagem que organiza e justifica todo o discurso musical, com o objetivo de evocar ideias ou elementos extramusicais no ouvinte, representando musicalmente uma cena, uma imagem ou simplesmente um estado de alma. É exatamente esse princípio que define o conceito de música programática ou música descritiva, que sempre esteve presente ao longo da história da música, mas que atinge o seu expoente máximo no período romântico do século XIX. Habitualmente o termo é reservado para obras puramente

orquestrais, como são o caso dos poemas sinfónicos que Strauss explorou de forma inigualável e recorrendo sempre a um efetivo orquestral bastante rico. *Assim Falava Zaratustra*, *Morte e Transfiguração* ou *Don Juan*, são apenas alguns exemplos que ilustram aquele que é o género musical mais marcante da sua obra e onde se inclui *Don Quixote*, op. 35, com inspiração na obra literária do romancista e dramaturgo espanhol, Miguel de Cervantes (1547-1616), que nos conta as aventuras – imaginadas – de um cavaleiro errante que saiu de sua casa, em La Mancha (Espanha), para corrigir os erros do mundo.

O subtítulo da obra – *Variações fantásticas sobre um tema de carácter cavaleiresco*, indica-nos, à partida, que a forma é a de Tema e Variações. Após uma introdução surge o Cavaleiro da Triste Figura, encarnado essencialmente pela música do violoncelo solo, seguido do seu fiel escudeiro, Sancho Pança, identificado principalmente pela viola de arco, mas também em alguns momentos pelo clarinete baixo e pela tuba tenor. Seguem-se dez variações, cada uma assumindo um capítulo do romance de Cervantes, como a *Aventura nos moinhos de vento*; *A luta vitoriosa contra o exército do imperador Alifanfaron*,

que na verdade se resume a um inocente rebanho de ovelhas; *O encontro com Dulcinea*, representada por uma bela melodia de oboé; ou a *Cavalgada pelo ar* em que Strauss adiciona à orquestra uma máquina de vento. A obra encerra com um *finale* em que Dom Quixote regressa à lucidez e a sua casa, onde dá o seu último suspiro com um profundo solo de violoncelo.

A primeira ideia para esta obra surge na mente de Strauss em outubro de 1896, aquando de uma viagem a Florença, no entanto, a mesma só ficaria completa em dezembro do ano seguinte, tendo a sua estreia ocorrido a 8 de março de 1898, em Colónia, sob a direção de Franz Wüllner. Dez dias depois, a obra voltaria ao palco, mas desta vez em Frankfurt e já sob a batuta de Strauss. As reações foram maioritariamente favoráveis, mas o acolhimento seria completamente diferente na estreia em Paris, em 1900, em que a plateia se dividiu entre aplausos e assobios. Certo é que, para a história, fica uma composição de puro virtuosismo instrumental, repleta de belíssimas melodias e que inclusive Leonard Bernstein descreveu como sendo “provavelmente a obra musical mais literária alguma vez escrita”.

Richard Strauss

(Munique, 1864 – Garmisch-Partenkirchen, 1949)

Sinfonia Domestica, op. 53

—

COMPOSIÇÃO 1902-1903

ESTREIA Nova Iorque, 21 de março de 1904

DURAÇÃO c. 45 min.

A *Sinfonia Domestica*, op. 53, foi composta entre os anos de 1902 e 1903, pouco antes de Richard Strauss enveredar pela produção operática que marca a segunda metade da sua vida. Em certa medida, é uma obra que dá continuidade ao principal trabalho anterior do compositor – *Uma Vida de Herói*, op. 40, um poema sinfónico em que Strauss se converte no protagonista da sua própria obra. Após ter sido criticado pela imprensa e por alguns académicos da época a propósito dessa composição, em vez de enfrentar os seus críticos e inimigos, Strauss passa uma noite tranquila em casa com a sua esposa e o seu jovem filho. É essa a inspiração que está por trás desta sinfonia, que, tal como o nome indica, é um retrato musical da sua vida familiar.

Excetuando duas sinfonias compostas na sua juventude (uma aos 16 anos e outra aos 20) e pouco reveladoras do imenso talento futuro que Richard Strauss viria a mostrar, o mesmo nunca mais compôs sinfonias em sentido clássico. Na realidade, esta obra desenvolve um discurso musical contínuo, interpretada sem interrupções, à maneira dos poemas sinfónicos que se sucederam durante dezassete anos da sua vida e que foram responsáveis pela

reputação internacional que alcançou. Por outro lado, esta composição tem sido muitas vezes analisada como uma vasta sonata orquestral, em que a *Introdução* corresponde à exposição temática, o *Scherzo* e o *Adagio* constituem juntos uma secção central de desenvolvimento e em que o *Finale* assume o papel de uma reexposição. Outras análises sugerem uma divisão em cinco partes. É necessário, pois, ouvir a partitura sem qualquer preocupação de análises formais, visto que os temas principais percorrem toda a obra e ramificam-se ao extremo.

Strauss assinalou três temas como *tema I*, *tema II* e *tema III*, algo que habitualmente não é feito numa partitura, mas que neste caso é propositado por parte do compositor para indicar os temas que retratam os três membros da família – Strauss, Pauline e Franz, ou seja, o pai, a mãe e o filho. O tema do pai dá início à obra e é ouvido pela primeira vez nos violoncelos, seguido do tema da mãe tocado pelas flautas, oboé e violinos. Já o tema do filho surge depois, num tempo mais lento, por uma melodia fraterna tocada pelo oboé d'amore. A obra comporta em si um argumento explícito sobre o quotidiano da vida doméstica tão valorizada pelo próprio compositor e com a qual qualquer pessoa

se identifica. Ao longo da composição, estão presentes momentos de felicidade dos pais, brincadeiras com o filho, cenas de amor, sonhos, preocupações, assim como uma discussão amigável entre o casal que nos chega através de uma fuga na secção final da obra. Todas estas referências estavam inicialmente indicadas ao longo da partitura, mas foram apagadas por Strauss antes da estreia a fim de evitar críticas por parte da imprensa.

Dedicada, como não podia deixar de ser, à sua mulher e ao seu filho, a *Sinfonia Domestica* teve a sua primeira audição a 21 de março de 1904, no icónico Carnegie Hall, em Nova Iorque, sob a direcção do compositor. A estreia foi um sucesso e o acolhimento do público foi caloroso. Porém, Strauss não se livrou de algumas acusações por parte da imprensa nova-iorquina pela comercialização da intimidade da sua vida privada, à qual terá respondido que “A verdadeira arte enobrece esta sala, e uma remuneração respeitável para a sua esposa e filho não é uma vergonha, mesmo para um artista.” A título de curiosidade, a estreia austríaca, em Viena, foi dirigida por Gustav Mahler em novembro do mesmo ano.

Marc Albrecht

Marc Albrecht é um dos maestros mais empolgantes da sua geração. É reconhecido internacionalmente pela direção de obras de Wagner, R. Strauss, Zemlinsky, Schreker ou Korngold, cultivando com convicção uma vasto repertório, desde Mozart até à música contemporânea. Foi profundamente influenciado pelo seu mentor Claudio Abbado, tendo colaborado, como assistente, na construção e supervisão da Orquestra Juvenil Gustav Mahler após os seus estudos em Viena.

Foi *Kapellmeister* na Semperoper Dresden e, em 1995, aos 30 anos, era um dos mais jovens diretores musicais em atividade na Alemanha, nomeadamente no Staatstheater Darmstadt. Em 2006 assumiu a direção da Filarmónica de Estrasburgo e, em 2011, mudou-se para Amesterdão, onde a ópera voltou a ser o foco do seu trabalho. Desde o verão de 2020, trabalha exclusivamente como maestro convidado de várias orquestras e óperas em todos os continentes.

Em Amesterdão dirigiu, entre outras óperas, *A flauta mágica* e *Don Giovanni* de Mozart, *Oedipe* de Enescu, *Fidelio* de Beethoven, *Macbeth* de Verdi, *Os Mestres Cantores de Nuremberga*, *A Valquíria* e *Tannhäuser* de Wagner, *Elektra* de R. Strauss, *O Caçador de Tesouros* de Schreker, *O Jogador* de Prokofiev e a estreia mundial de *Orest*, de Manfred Trojahn. Como maestro convidado, dirigiu óperas de compositores tão diversos como Berlioz, Messiaen, Stravinsky, Mussorgsky, Martinů, Zimmermann, Zemlinsky, Berg, Henze e Wagner, na Deutsche Oper Berlin, na Royal Opera House - Covent Garden, no Festival de Salzburgo, em Bruxelas, Paris e Barcelona e, entre 2003 e 2006, no Festival de Bayreuth. Dirigiu ainda outras

grandes orquestras mundiais, incluindo a Filarmónica de Berlim, a Concertgebouworkest, a Filarmónica de Munique, a Orchestra dell' Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica NHK de Tóquio e as Orquestras de Cleveland, Dallas, Estocolmo, Oslo, Turim, Roterdão e Birmingham.

Marc Albrecht dirigiu a Orquestra Filarmónica Neerlandesa em muitas gravações (Korngold, Ravel, Dukas, Koechlin, Berg, Schumann, Dvořák, Mahler, Strauss, Brahms/Schönberg) para a Pentatone, e gravou produções de ópera em Amesterdão, para a Challenge. Em 2021 recebeu o prémio *Opus Klassik* para “Maestro do Ano” pela gravação de *A Sereia* de Zemlinsky (Pentatone), com a Filarmónica Neerlandesa.

O trabalho artístico de Albrecht foi distinguido numerosas vezes, com destaque para a “Ordem do Leão dos Países Baixos” e o *Prix d'Amis* da Ópera Nacional Neerlandesa. Recebeu outro *Opus Klassik*, na categoria de “Melhor Gravação de Ópera dos sécs. XX/XXI” pelo DVD *O Milagre de Heliane*, de Korngold, na Deutsche Oper Berlin (Naxos) e foi nomeado “Maestro do Ano” nos International Opera Awards 2019.

A produção de 2017 de *Wozzeck*, de Alban Berg, para a Ópera Nacional Neerlandesa, foi nomeada para os prémios *Grammy* na categoria de “Melhor Gravação de Ópera”. A temporada 2023-2024 incluiu convites de teatros de ópera em Berlim, Colónia, Roma e Dresden e concertos sinfónicos com a Filarmónica Neerlandesa, a Filarmónica de Zurique, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a Orquestra de Valência, a Orquestra Gulbenkian e a Filarmónica de Taiwan, entre outras orquestras.

Varoujan Bartikian

Varoujan Bartikian nasceu na Arménia. Iniciou os seus estudos na Escola Especializada de Música Tchaikovsky, sob a orientação de Alexander Tchauchian – grande professor e pedagogo e um dos pilares da escola violoncelística arménia, tendo formado várias gerações de violoncelistas ao longo de quase um século. De 1978 a 1983, frequentou o Conservatório Superior de Música Komitas, em Yerevan. Em 1977 venceu o Concurso Transcaucasiano de Violoncelo, em Tbilissi. Em 1981 foi laureado no Concurso das Repúblicas Soviéticas. Licenciou-se em 1983 e obteve o grau de Mestre em Violoncelo e em Ciências Musicais, nas áreas de Teoria da Interpretação e de Metodologia do Ensino. É membro fundador do Quarteto de Cordas de Yerevan, constituído em 1982. Este quarteto venceu o Concurso Borodin de 1983. Em 1988 começou a lecionar violoncelo no Conservatório Komitas, lugar que ocupou até se deslocar para Portugal, em 1989, quando passou a integrar a Orquestra Gulbenkian com a qual tem atuado também como solista, destacando-se a interpretação da obra *Don Quixote*, de R. Strauss, sob a direção de David Zinman. Tocou com a Orquestra Filarmónica da Arménia, sob a direção de John Nelson, e gravou para a Antena 2 da RDP. Em 1991 formou o Trio Bartikian, com Michel Gal (piano) e Esther Georgie (clarinete). Durante dez anos (2001-2011) foi membro do Quarteto Capela. Desde 2013, é o violoncelista do Trio Aeternus. Gravou várias obras de António Victorino d'Almeida para a etiqueta Numérica. Varoujan Bartikian foi 1.º Violoncelo Solista da Orquestra Gulbenkian. É professor de violoncelo na Escola Superior de Música de Lisboa.

Lu Zheng

Lu Zheng nasceu em agosto de 1977, em Tian Jin, na China. Começou a estudar violino e viola de arco aos seis anos de idade. Entre 1989 e 1997, frequentou o Conservatório Central de Música, em Pequim, onde realizou estudos complementares e superiores de viola. Entre 1994 e 1997, foi Viola Principal da Orquestra Juvenil da China. Em 1998 foi um dos membros fundadores do Chinese Quartet, tendo-se apresentado com este grupo nos Festivais de Música de Évora e do Algarve, a convite da Fundação Oriente. Entretanto, aperfeiçoou-se em música de câmara com Max Rabinovitsj e em viola de arco com Barbara Friedhoff e Bruno Pasquier. Entre 2000 e 2004, Lu Zheng foi Solista B da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É professor de viola de arco e de música de câmara e apresenta-se regularmente em recitais a solo e de música de câmara. É 1.º Viola Solista da Orquestra Gulbenkian, onde ingressou em 2005.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos
1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnón
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Catarina Resende
Flávia Marques
Miguel Gomes*
João Castro*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Nelson Nogueira*
Bernardo Barreira*
Sara Llano*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Maria Inês Monteiro

Sara Farinha

Márcia Marques

Raquel Noemi

Iris Almeida

Mariana Moreira*

Daniela Brito*

Isabel Pimentel*

Teresa Fleming*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

Maria Leonor Moniz

Fernando Costa*

Tiago Anjinho*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Romeu Santos*

Vanessa Lima*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Alexandra Gouveia 2º SOLISTA*

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÉS

Luís Alves 1º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

Edgar Silva 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

Roberto Arcăeanu 2º SOLISTA*

David Harrison 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Daniel Canas 1º SOLISTA*

Dário Ribeiro 1º SOLISTA*

Telmo Rocha 2º SOLISTA*

Armando Camolas 2º SOLISTA*

José Nuno 2º SOLISTA*

João Rodrigues 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 2º SOLISTA*

David Lopes 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA*

João Carvalho 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 2º SOLISTA

Beatriz Cortesão 2º SOLISTA*

SAXOFONES

José Massarrão 1º SOLISTA*

Mário Marques 1º SOLISTA*

Rita Nunes 1º SOLISTA*

Rodrigo Lima 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

17 fev 24

SÁBADO 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Piotr Anderszewski Piano

Johann Sebastian Bach,
Karol Szymanowski,
Béla Bartók



19 fev 24

SEGUNDA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

**Sonatas e Partitas
de Bach II**

Mario Brunello Violoncelo piccolo

Johann Sebastian Bach



22 fev 24

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

23 fev 24

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Requiem de Fauré

Coro e Orquestra Gulbenkian

Matthew Halls Maestro

Christina Landshamer Soprano

Julie Boulianne Meio-Soprano

Stéphane Degout Barítono

Claude Debussy, Ernest Chausson,
Gabriel Fauré

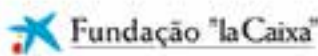
**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

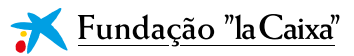
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

